

Uma Visão Etnológica da Arte da Morte na Bíblia

A Vision of Ethnological Art of Death in the Bible

António Delgado

Professor Coordenador

ESAD-Instituto Politécnico. Leiria (Portugal)

antonio.delgado1958@gmail.com

Resumo

Neste estudo sobre de práticas mortuárias na Bíblia, pretende-se recordar aspectos que estão na génese da cultura ocidental e que foram adaptadas ao âmbito social de cada época mantendo-se constantes no tempo e originando muitos costumes e superstições ainda arreigadas nos nossos hábitos.

As descrições da morte na Bíblia converteram-se em testemunho de um rito organizador e regenerador de grupo que sofreu poucas alterações, em particular naquilo que se refere à sua estrutura: métodos de supressão do cadáver, procissão, luto e processos de recordação com monumentos, nomeadamente na cultural ocidental, à qual pertence Portugal e Espanha.

Abstract

In this study on mortuary practices in the Bible, it is intended to point out aspects that are at the origins of Western culture and which were adapted to the social scope of each season while remaining constant in time and causing many customs and superstitions still ingrained in our habits. Death descriptions in the Bible became witness of a rite Organizer and regenerator of group that suffered few changes, particularly in what refers to its structure: methods of suppression of the corpse, procession, mourning and remembrance processes with monuments, notably in Western cultural, to which Portugal belongs and Spain.

Palavras-chave

Bíblia, Arte, Morte, Mediterrâneo, o Além

Key Words

Bible, art, Death, Mediterranean, the afterlife

Morte e Cultura

Desde sempre que o ser humano resolveu o problema da eliminação de qualquer tipo de resíduos integrando-os no meio natural. Não obstante, quando este se tornou incapaz de absorverlos, ele teve de socorrer-se de sistemas de destruição. Em termos gerais, este é também o problema que os mortos apresentam, só que é um problema que se diferencia porque são também um problema que afecta sentimentalmente a espécie humana. Pelo tempo e ao longo da trajectória humana todo o processo da morte foi envolto numa serie de ritos, convertidos, pela religião e pelas leis, num mundo à parte. Essa é a razão pela qual o culto da morte ocupou desde sempre um lugar tão importante na religiosidade e na cultura de todos os povos. Temos registos dessa transitoriedade celebrada pelas religiões do Egipto, Judaica, Romana, Grega e muitas outras.

Os cemitérios, lugares por excelência destes cultos, foram os verdadeiros depósitos - alegóricos - da relação dos vivos com a vida na terra e sobre a ideia que tem do além morte, e um importante banco de dados da nossa memória colectiva. É nos cemitérios que os vivos “*expressam o que a vida tem de más fundamental*”¹. As obras de arte, artefactos por excelência, são objectos impregnados de uma carga simbólica devidamente codificada e elaborados para ilustrar um fim. Neste contexto, são esses objectos que ao longo dos tempos nos transmitiram, de um modo alegórico, as construções mentais que sustentam a ideia de eternidade e do além, numa variedade que vai da mais primitiva e singela figura votiva ou escultórica ao mais elaborado edifício arquitectónico. Alguns destes elementos encontram-se em museus, outros no seu lugar de origem, pautam estados de civilização onde a arte e a alegoria, a ciência e a tecnologia se reuniram para glorificar unicamente a morte e a (s) ideia (s) que a sustenta(m), e que tem no discurso artístico a sua mais sublime forma de expressão, da qual as pirâmides de Egipto são o exemplo mais emblemático².

172 |

A espécie humana é a única que tem sempre a morte presente ao longo da vida, acompanhando-a de ritos funerários, crendo na vida após a morte ou na ressurreição dos mortos, para fazer do enterramento e da sepultura o símbolo mais expressivo dessa ideia de conservar os cadáveres e a sua memória; práticas nas quais fundamenta a hipótese da vida no além. Esta ideia da sobrevivência à morte implica precisamente o não abandono dos mortos nem da sua memória. Por conseguinte, não é de estranhar que os vestígios melhor conservados do nosso passado sejam, por um lado as sepulturas, por outro lado os templos, onde durante muito tempo os mortos foram enterrados. Neste, podemos encontrar com frequência sepulturas magnificamente talhadas, exposições de quem se fez pagar para isso e que, devido até ideias discriminatórias, algumas converteram-se posteriormente em verdadeiros objectos de veneração numa espécie de religiosidade pagã carente de teologia e peregrinação sustentada quer pelo turismo de massas quer pelo turismo místico. Nalguns casos, certas personagens que foram inumadas no interior das igrejas chegaram, a sobrepor-se aos próprios santos do altar³.

A persistência ou ênfases que se dão às construções da morte, das quais “*o cemitério e a sepultura serão o signo permanente (...) são o testemunho de uma relação inalterável entre a*

1 - Morin, E. (1970): *O Homem e a morte*. Publicações Europa-América, Portugal. Pág. 17.

2.-De referir que das sete maravilhas de mundo antigo duas eram monumentos mortuários: Pirâmides de Gizé e Mausoléu de Halicarnasso.

3.-Relembro a Historia dos Amores de Pedro e Inês em Alcoçaba, Portugal.

*morte e a cultura*⁴, sempre foram, no contexto mediterrâneo, um dado de unidade cultural testemunhado pela Bíblia, os autores clássicos, também os cemitérios são outra parte integrante deste aspecto cultural comum que é a ritualização da morte.

O presente trabalho sobre a morte na Bíblia procura nos povos bíblicos as práticas nela descritas. Centramos este estudo, no rito funerário: no enterro, no culto recordatório depois da inumação, pretendemos recordar como os ritos funerários descritos na Bíblia, são de certo modo matriciais da cultura da morte no ocidental e mantiveram-se ao longo dos tempos, adaptados apenas às expressões cénicas e às vivências sociais de cada época.

Como bibliografia de base utilizamos a Bíblia de Jerusalém⁵, que foi consultada com o apoio de uma concordância de termos⁶ e vários dicionários sobre a Bíblia⁷. Foram igualmente importantes leitura das obras de de James Frazer⁸, e Robert Graves e Raphael Patai “*Los Mitos Hebreos*”. Obras onde podemos constatar a discussão entre os especialistas da cultura hebraica sobre a existência ou não de um culto dos antepassados entre os hebreus. Uma polémica na qual, não entramos, por sair fora do âmbito deste trabalho. No entanto ajudaram-nos a ajustar pontos de vista mais de acordo com as descrições dos rituais da morte que são descritos na Bíblia, prestando mais atenção a uma Etnologia Bíblica que qualquer outra visão analítica sobre ela. Com este pequeno estudo queremos mostrar a continuidade de muitos dos ritos da antiguidade bíblica e que se praticam todavia hoje em dia, testemunhando essa *relação inalterável entre a morte e a cultura* sobre ou qual Ariès tanto insistiu.

Resta salientar que este trabalho é parte de um outro, mais amplo onde se estabelecem as relações da morte com a arte na cultura ocidental ao longo da história, nos âmbitos da Escultura, Pintura e Arquitetura e que esperamos publicar brevemente.

Mediterrâneo Bíblico

O mediterrâneo bíblico, lugar de enfoque deste estudo, tanto na actualidade como na antiguidade foi “*sempre um universo de contradições e de encruzilhadas nas relaciones norte-sul, uma franja do globo donde países ricos e países pobres se tocam, donde a modernidade se enfrenta à tradição e à mudança, com desejos de estabilidade, razão principal pela qual foi ou crisol das religiões universais*”⁹.

A Bíblia, o seu testamento espiritual, é um conjunto de narrativas sobre a *intervenção de Deus* na origem do mundo e da vida de um povo por ele eleito, para preservar no meio das *Nações pervertidas a verdadeira religião* e preparar simultaneamente o evento de uma *humanidade melhor*. Uma das obras máximas da literatura universal, a Bíblia descreve a génese da cultura ocidental da qual derivam os princípios judaico- cristãos.

4.-Ariès, Ph. (1983): *Imágenes de L'homme devant la mort*. París, Seuil. Pág. 7.

5.- *Bíblia de Jerusalém*. Edições Paulinas. S. Paulo Brasil, 1985. e Edição espanhola da *Bíblia de Jerusalém*, Alianza Editorial. Madrid, 1975.

6.- *Concordância Bíblica*. Sociedade Bíblica do Brasil. Brasília –DF 1975.

7.- *Dicionário da Bíblia*. Editorial Herder Barcelona 1987. Gerard, André-Marie. *Diccionario da Biblia*. Grupo Anaya, Madrid 1995; Browning, W.R.F. *Dicionário da Bíblia*. Paidós Barcelona, 1998; Maurice Cocagnac. *Maurice de Cocagnac Os Símbolos Bíblicos*. Ed. Desclée de Brouwer. Bilbao, 1994.

8.-Frazer, J.G. (1981): *O folklóre no Antigo Testamento*. Fundo de Cultura Económica. Madrid. E também outras do mesmo autor: *Rama Dourada* ; publicada na mesma editorial no ano de 1993 (décima quarta impressão).

9 .-Espírito Santo, M. (1993): “Introdução”, *Revista Mediterrâneo* nº 2: 5 Edição Instituto Mediterrâneo. UNL, Lisboa.

Observada numa perspectiva sociológica ou etnológica, a Bíblia é também um livro de costumes, donde se narram uma serie de práticas e de estruturas religiosas, sociais e culturais, dos povos que nela intervêm. E numa perspectiva da história da cultura, das mentalidades e das formas materiais a sua análise é indispensável para as Humanidades. Não obstante, a comunidade científica, nem sempre lhe deu a atenção que merece, provavelmente por causa de uma espécie de complexo ou tabú ideológico-acientífico, desafortunadamente para a ciência e a cultura em geral. No entanto num país notoriamente católico como Portugal, onde algumas universidades públicas integram capelas e capelães para officiar missas nos dias das universidades e bênção de fitas, crucifixos nas paredes, concebem presépios, onde existem placas comemorativas descerradas por bispos o facto desperta a atenção.

Portanto estudar a morte na Bíblia é estudar, desde o ponto de vista da cultura, uma das nossas “*mais remotas hipóteses místicas (...) a sobrevivência da vida depois da morte*”¹⁰. Pensamos, por com seguinte, no âmbito de uma teoria das ideias, aquela terá sido a que deu ao ser humano a capacidade para tomar consciência, dos dois momentos mais importantes de seu ciclo biológico: o da vida e o da morte. Esta consciencialização permitiu e permite sintetizar nas formulas simples *do agora* e *do depois* a noção do tempo e com ele adquirir a capacidade de prever e projectar o futuro. Distinguindo, por este pormenor, o ser humano das outras espécies com quem comparte a vida terrena.

No âmbito da cultura mediterrânea, a religião ou ideologia da morte, tem características próprias, sendo a mais habitual a de “encerrar” o defunto numa sepultura, cujo sinal de identidade fica sintetizado na forma *abstracta de uma sepultura* e e faz dos lugares de enterramento um verdadeiro “depósito” de cadáveres.

174 |

Significado teológico da morte

No Antigo Testamento, a morte considerava-se como um castigo de Deus pelo pecado. O homem foi destinado por Deus à vida (Arvore da Vida, Gn 2s), mas em caso de desobediência à ordem de Deus, era-se castigado com a morte: “*podes comer de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás porque o dia em que dela comeres terás que morrer*”.¹¹ Foi o Diabo quem induziu o homem a pecar e “*foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo (Sb. 2 24)*”¹². foi pelo diabo que impera a morte. “*A morte que o diabo faz entrar no mundo é a morte espiritual, com sua consequência a morte física*”¹³.

10.- Malinowsky, B. (1970): *Uma teoria científica da cultura*. Barcelona, Edhasa. Pág. 184.

11.- Gn 2,17 3,3. Este conhecimento é um privilégio que Deus se reserva e que ou homem usurpará pelo pecado (Gn.3,5,22). Não se trata , pois nem da onisciência, que ou homem decaído não possui, nem do discernimento moral, que ou homem inocente já tinha e que Deus não pode recusar mesmo ou que é bem e ou que é mal , e de agir com sequentemente: reivindicação de autonomia moral pela qual o homem nega seu estado de criatura (cf. Is 5,20). O primeiro pecado foi um atentado à soberania de Deus, um pecado de orgulho. Esta revolta exprimiu-se concretamente pela transgressão de um preceito estabelecido por Deus e representado sob a imagem do fruto proibido. *Bíblia de Jerusalém*. Edições Paulinas. S. Paulo Brasil, 1985. pág. 34 nota B.

12.- Esta mesma ideia está em Eclo 25,24 mas vinculada à mulher “*foi pela mulher que começou o pecado por sua culpa todos morremos*”

13.- Ver *Bíblia de Jerusalém*. Edições Paulinas , op. cit. pag. 1206 nota Q. (cf. Sb 1 ,13 + ; Rm 5,12s)

Assim não se deve de entender que só o fim da vida e Eva sejam as causas da morte¹⁴. Este mesmo princípio domina no Novo Testamento: “*Eis porque, como por meio de um só homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte e assim a morte passou a todos os homens, por quanto todos pecaram* (Rm 5,12 14)”¹⁵. S. Paulo expressa a ideia de que a morte é a consequência do pecado do primeiro homem. S. João chama sempre ao Diabo de homicida desde o princípio “*Vos sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não se manteve na verdade, porque nele não há verdade* (Jo 8,44)”. Se tivermos em conta o versículo 37, devemos entender que se trata da morte corporal: “*Sei que sois a descendência de Abraão mas procurais matar-me, porque a minha palavra não penetra em vós*” (idem).

No Antigo Testamento a morte está igualmente considerada como um castigo pelos pecados (Pr 2,18 7,27 21,16; Is 5,14; Ecl. 21,25 “*Assim sucede com toda a criatura, do homem ao animal, mas para o pecador é sete vezes pior, a morte, o sangue, a luta e a espada, a miséria, a fome, a tribulação, a calamidade! tudo isto foi criado pelo pecador e foi por causa deles que houve o dilúvio* (Ecl. 40,8 10)”. Do mesmo modo, que uma longa vida representa uma recompensa à virtude como expressa (Dt.30,15 20 32,47) e no versículo 3,14 de Baruc “*Aprende pois, donde esta a prudência, a força e a inteligência, para conheceres ao mesmo tempo onde encontrar a longevidade e a vida, a luz dos olhos e a paz*”.

Por sua vez uma morte prematura é um castigo pelo pecado como se observa em Jb 15,32 22,16 e em Jr 17,11 e como expressa o versículo 55,24 dos Salmos “*E tu, ó Deus, tu os fazes descer para o poço profundo, estes homens sanguinários e impostores, antes da metade dos seus dias. Quanto a mim, eu confio em ti!*”. No entanto o contrário da ideia anterior encontra-se no livro da Sabedoria no versículo 4,7 nos seguintes termos o “*justo, ainda que morra cedo, terá repouso*”. A morte como castigo pelo pecado, adquire aqui tem um sentido muito mais amplo e espiritualizado e não se limita à morte do corpo. Do mesmo modo, a ideia de vida não contempla unicamente a vida corporal, mas sim tudo o que é dado ao justo como recompensa pela sua virtude. Em segundo lugar, a morte designa o estado de inimizade com Deus como consequência do pecado e por isso perdurará igualmente no além sem descanso (Pr 7,27 13,14 14,27 23,14).

Diz-se igualmente que a justiça ou as esmolas libertam da morte “*tesouros injustos não aproveitam, mas a justiça liberta da morte* (Pr 10,2)”. No livro de Tobias 4;10, 11 é afirmado que “*a esmola livra da morte e impede que se caia nas trevas. Dom valioso é a esmola, para quantos a praticam na presença do Altíssimo*”. Voltamos a encontrar esta mesma ideia em Tb12,9.

14.- “*foi pela mulher que começou o pecado por sua culpa todos morreremos* (Ecl 25,24)”. Alusão ao primeiro pecado. São Paulo sublinha também a culpabilidade de Eva (2Cor 11.3; 1Tim 2,14; mas cf. Rm.5,12) .Cit. alínea f) pá Edições Paulinas. S. Paulo Brasil g. 1282 Edições Paulinas. S. Paulo Brasil

15.- “*Sentido controverso. Seja por uma participação no pecado de Adão (“ Em Adão todos pecaram”); seja por seus pecados pessoais (cf.3,23). Neste caso, a expressão grega se traduziria melhor: “mediante o facto de de que...”, introduzindo a condição realizada que permitiu à morte (eterna) atingir todos os homens. Com efeito, no caso adulto, único aqui visado, o poder do pecado que entrou no mundo com Adão produziu seu efeito de morte eterna através dos pecados pessoais que ratificavam de certa maneira a revolta de Adão. – Pode-se também traduzir: “em razão de que, em que, todos pecaram”*. Cit. Alínea U) Bíblia de Jerusalém. Edições Paulinas pág. 2127. todos pecaram. Ver também Rm. 15 21 ss.

Assim, fica determinado o sentido da morte espiritual na qual se expressa com frequência o Novo Testamento quando se refere à morte como consequência da incredulidade e do pecado (Jn 5,24 8,51; Rm 7, 10; 8, 6; 2Cr 7, 10; Tg 1, 15; 5, 20; 1Jn 3, 14; 5,16). É por esta razão que a morte do pecador na outra vida (Rm 1,32 6,16 21,3) recebe o nome de morte eterna ou segunda morte como vem expresso em Ap 2,11; 20,6 14; 21,8. “*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: o vencedor de modo algum será lesado pela segunda morte* (Ap 2,11)”.

Finalmente, no Novo Testamento, a morte indica ainda a passagem do “*estado de pecado*” ao “*estado de justiça*” através do baptismo. Por ele o homem morre (Rom 6, 8; Cl 2, 20); na Epístola aos Romanos (6,4), S. Paulo fala do baptismo como se fora um renascer: “*Portanto pelo baptismo nós somos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova* (idem)”.

A morte na Bíblia

Na época do Antigo Testamento já se conhecia o fenómeno da sobrevivência do ser humano à morte ou seja, a imortalidade. No entanto, este fenómeno nunca é apresentado na sua essência íntima como separação da alma e do corpo. A Bíblia descreve mesmo a morte do ser humano e dos animais segundo a sua aparência externa, fundamentando-se na experiência de que a vida se manifesta na respiração e sistematiza a morte na separação do corpo (pó) e do ar (espírito). “*Escondes tua face e eles se apavoram retiras sua respiração e eles expiram, voltando ao pó* (Sl 104,29)”¹⁶ ou segundo a constatação de que o sangue é uma necessidade vital; quando se derrama perde-se a vida.

176 |

A essência da vida está no sangue : “*Porque a vida da carne está no sangue , e este sangue eu vo-lo tenho dado fazer o rito de expiação sobre o altar, pelas vossas vidas, pois é o sangue que faz a expiação pela vida* (Lv 17,11)”¹⁷. Neste contexto, a palavra “sopro” tem muitas vezes um sentido amplo: vida ou princípio vital que, aplicado ao ser humano, encontra -se mais próximo do actual conceito de alma. Não obstante, estes dois conceitos não se sobrepõem de todo; o Ruah¹⁸ do ser humano e do animal pertencem à mesma categoria “*pois a sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento; o homem não leva vantagem sobre o animal, porque tudo é vaidade* (Ec. 3,19-20)”¹⁹. Šeol²⁰. O corpo humano é pois um envólucro, é a vaidade e este morre tal como o dos animais.

Do mesmo modo que Deus, na sua expressão antropomórfica, dá vida ao ser humano insufflando-lhe no nariz o sopro da vida (Gn. 2, 7), também tira ao homem e ao animal esse

16.- Esta mesma ideia está expressa em Sl 146, 4Jb 12, 10; Ec 8, 8 12, 7.

17.- Ver também Dt 12,23.

18.- “a palavra “ruah” designa o ar em movimento, já seja o sopro do vento (Ex 10, 13; Jo 21, 18), seja o que sai das narinas (7,15..22, etc.). Ela designa, portanto, a força vital, os pensamentos, os sentimentos e as paixões, nos quais ela se exprime (41, 8; 45, 27; 1Sm 1, 15; 1Rs 21, 5; Sl 104, 29; Ecl. 12, 7). Ela é também o poder pelo qual Deus age, tanto na criação (Jo 33, 4; Sl 104, 29-30), quanto na história dos homens (Ex. 31, 13), particularmente pela boca dos profetas (Jz 3, 10 + Ez 36, 28+) e do Messias (Is 11, 2+ Cf. Rm 1, 9+)” cit. nota “R” *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo.. Pág. 40.

19.- Também nunca se utilizam os termos de ruah ou de nefes para designar aquela parte que sobrevive à morte e desce ao Xeol que é o Reino dos mortos.

20.- O Reino de os mortos.

mesmo sopro de vida ou *ruah* (Sl 146, 4 -104, 29) quando morrem. Do *ruah* do ser humano, diz-se então que volta a Deus que lho deu: “*Antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu (Ec 12, 7)*”.

No livro da Sabedoria, o autor, sem garantir do todo as ideias tradicionais do judaísmo, está más próximo das ideias helénicas, um meio no qual provavelmente vivia, concebendo deste modo uma antropologia segundo a qual existe a alma e ela sobrevive ao corpo (3,13), chegando a falar à maneira de Platão, que declarava que o corpo era uma carga para o espírito: “*um corpo corruptível pesa sobre a alma e – tenda de argila – oprime a mente pensativa (Sb. 9, 15; 8, 19)*”²¹. No ser humano existem dois princípios constitutivos: um material (o corpo) e outro espiritual (a alma), é natural, por conseguinte, que neste ambiente ideológico, a morte sirva para a separação entre estas duas realidades. O Novo Testamento dá-nos a imagem da morte no seu aspecto fisiológico. A pessoa que morre entrega o seu espírito (Mt 27,50; Lc 23,4; Jo 19,30; Act 7,59) ou a sua vida, ou o seu princípio vital (Jo 10,11 - 15,17 13,37 15,13; JJo 3,16), quando uma pessoa ressuscita, o seu espírito volta a ela (Lc 8,55); sem espírito o corpo está morto (Tg 2,26). Não obstante, no Novo Testamento, os conceitos de *Neuma* e *Alma* combinam melhor com o actual conceito de alma, e os defuntos podem ser designados como espíritos (IPd 3,19) ou vidas (Ap 6,9 20,4).

Enterramento

Os mortos eram sepultados no mesmo dia em que ocorria a sua morte (At 5,6), talvez umas oito horas depois. Nos enterros dos reis queimava-se grande quantidade de perfumes. Ao rei Asá²² “*estenderam-no num leito repleto de aromas, perfumes e unguentos (2Cro 16,14)*”²³. As escavações feitas na Palestina têm demonstrado que os defuntos eram enterrados com toda a classe de utensílios: pratos, vasos, jarras, lâmpadas, armas, etc. Os nobres eram enterrados com objectos de ouro e de prata como é afirmado no livro de Job “*como os nobres que amontoaram ouro e prata nos seus mausoléus (Jó 3,15)*”²⁴.

Apesar disso não se pensava em Israel que os defuntos necessitassem destes objectos no além, já que “*(...) no Šeol não existe obra, nem reflexão, nem com conhecimento nem sabedoria (Ecl 9,10)*”. Estas particularidades faziam parte provavelmente daquilo que se podia chamar, um enterro decoroso. Os cananeos e os babilónios estavam persuadidos de que os defuntos necessitavam destes objectos no Šeol e em particular de água. Mas, segundo a Bíblia isto é discutível, já que ela não indica se tal costume era também habitual entre os israelitas. Se Dt 26,14 menciona

21.- “Os termos empregados neste v. recordam a oposição estabelecida pela filosofia grega entre o corpo e a alma ou o espírito (cf. Rm 7, 25+); entretanto o autor julga normal a união entre o alma e o corpo. no AT a imagem da “tenda” evoca a precariedade da existência humana (Jo 4,21; Is 33,20; 38,12); o epíteto “de argila” (lit.: “de terra” pode remeter a Jó 4,19 ou a Gn 2,7; no NT pode-se aproximar de 2Cor 4,7; 5,1-4; 2 Pd 1,13-14 e também da oposição assinalada por Gl 5,17; Rm 7,14-15”. Cit. nota F) *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo... Pág. 1219.

22.- “Asá, rei de Judá (...) merecedor de uma aprovação moderada de (1 R 15,14) por ter eliminado alguns ídolos; No entanto a sua aliança com Damasco desagrava como descreve o cronista (2 Cro 16,9) quem lhe prometeu um castigo divino”.

23.- ver a anterior citação nº. 23. A mesma ideia também se pode ver em 2Cro.21,19; Jr 34,5.

24.- “Lit.: “suas casas”, isto é, suas “casas de eternidade” (cf. Ecl.12,5), ou residências funerárias (Cf. Igualmente Sl 49,12). De facto, as escavações arqueológicas (nomeadamente em Ur no Egipto) revelarão as riquezas acumuladas nos túmulos de reis ou de príncipes”. Cit. nota Z) *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo Pág. 885.

este costume, fá-lo apenas para destacar o carácter profano e menor de tal hábito segundo sua cultura, Tb 4,7 talvez se refira aos alimentos que havia que oferecer os parentes que vinham depois lamentar-se (Jr 16,7; Eclo 7,33). No entanto estes versículos são demasiado genéricos para se poder afirmar com clareza que se trate apenas de um banquete fúnebre²⁵.

Em épocas posteriores, a quantidade de objectos diminui e são substituídos por símbolos. Na época helénica colocavam-se enormes quantidades de lucernas de barro. No período greco-romano era costume pôr-se um diadema de ouro na cabeça do defunto ou cobria-se a frente ou a boca com uma lâmina do mesmo metal. Que tinha por vezes uma inscrição. Apesar da Bíblia não mencionar estes casos, eles foram muito comuns igualmente entre os hebreus. Assim, desde os tempos mais remotos, a dor expressava-se pela deposição de adornos, devido à impureza ritual. Os condenados à morte eram enterrados na mesma tarde da sua execução. Assim está determinado em Dt. 21 22: *“Se um homem, culpado de crime que merece a pena de morte, é suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore na árvore à noite: tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é maldito de Deus. Deste modo não tornarás impuro o solo que Iahweh teu Deus te dará de herança”*.

Pensa-se que os grandes amontoados de pedras sobre a sepultura dos justificados, como por exemplo Absalón²⁶, serviam provavelmente para protege-los contra a profanação dos animais selvagens. Jezabel, outra justificada, foi comida pelos cães, tal como está descrito no Livro dos Reis *“Quando chegaram para sepultá-la, só encontraram o crânio os pés e as mãos (2Rs. 9 35)”*. O sangue derramado, cobria-se, talvez, porque ficando à vista despertava constantemente a recordação do crime cometido e incitava à vingança. O sangue derramado clama efectivamente ao céu *“ Caim se lançou sobre seu irmão Abel e o matou. Iahweh disse a Caim: “ onde está teu irmão Abel? ele respondeu: “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão ?” Iahweh disse: “ Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim! (Gn 4,10)”*. Esta mesma ideia do sangue clamar por vingança pode ver-se em Jó 16,18 em Hb12,24 e em Mt.23,35.

Lugares de enterramento

Na Bíblia fala-se frequentemente de alguém que foi enterrado numa gruta em terreno próprio. Abraham comprou um terreno a Efron o hitita, em Hebrón (Canaan), onde se encontra a gruta de Macpela²⁷ e estão enterrados o próprio Abraham, Sara, Isaac e Jacob (Gn

25.- Segundo consta nos autores clássicos, o banquete fúnebre era uma prática corrente entre os povos mediterrâneos. No cântico XXIII da Iliada, Homero faz o relato do banquete fúnebre das exéquias de Patrocle.

26.- *“Pegaram em Absalón, e o atiraram para dentro de uma fossa no meio da mata e jogaram em cima um montão de pedras: Todo Israel fugiu, cada qual para a sua tenda (2Sm. 18 16-18)”*.

27.- A caverna de “Efrón o hitita” podia ter sido um santuário consagrado a Faroneo, a quem se chama pai de Agenor (“Canaan”) e de quem se diz que não só descobriu o modo de utilizar o fogo mas que iniciou o culto grego de Hera (“Anat”). Robert Graves - *os Mitos hebreos*. Ed. Alianza, Madrid 1986. Pág. 157. *Anat ou Anamelec são a mesma divindade. os ritos do seu culto, unido ao de outro ídolo chamado “Adramalec”, incluíam sacrifícios de crianças (2 Rs 17,31)*. Ver “Anat” e “Anamelec” em Gerard, André- Marie Dicionário da Bíblia. Milhojas, grupo Anaya, Madrid 1995. *“A caverna de Macpela esteve oculta durante séculos por uma mesquita árabe, na qual não se admitem cristãos nem judeus o seu interior continua a ser um segredo sagrado. Benjamin de Tudela, que visitou Macpela em 1163 d. de C., escreveu que os seis sepulcros encontravam-se numa terceira gruta más recôndita. segundo o mesmo Josefo, estavam feitos com mármore excelente”*. Idem pág. 242.

23). É mencionado no livro do Deuteronómio (Dt. 3 11) as dimensões da sepultura de Og que foi a rei de Basan. O versículo da Bíblia diz que “(...)somente Og, rei de Basán, sobrevivera dos remanescentes dos rafaim; seu leito é o leito de ferro que está em Rabá dos filhos de Amon: tem nove côvados de comprimento e quatro côvados de largura, em côvado comum”²⁸.

Para além desta sepultura também são mencionadas algumas que estão situadas na montanha (2 Rs 23,16), ou diz-se que determinadas pessoas foram enterradas na montanha²⁹. Josué foi enterrado na montanha de Efraim em Siquén (Js 24,30) num terreno herdado do seu pai (Js 24,32). Ser enterrado debaixo de uma árvore é igualmente uma prática descrita no Antigo Testamento. O carvalho, a palmeira e o terebinto, são as árvores más citadas³⁰.

Débora foi enterrada debaixo do “Carvalho- dos- Prantos “ em Betel (Gn 35,8). Saúl e os seus filhos foram enterrados debaixo de uma tamareira nas montanhas de Golaad na cidade de Jabes (1Sm 31,13), na sepultura do seu pai (2Sm 21,14).

“ Nas montanhas de Galaad pode-se contemplar a suposta sepultura do profeta Oseas, sobre a que estende as suas ramas uma azinheira magnífica de folhas perenes(...)”³¹. O mesmo autor citado afirma ainda que a suposta sepultura de Abel encontra-se no alto de uma Rocha, ao lado do rio Abana no Líbano, e que também está rodeada de azinheiras³². Adbón foi enterrado em Efraim na montanha dos amalacitas. Samuel foi enterrado na sua casa, quer dizer na sua propriedade em Ráma (1Sm 25,1). Manassés foi igualmente sepultado na sua casa: ou melhor no jardim de sua casa em Uzziy como expressa o livro (2Cro 33,20), “Manasés adormeceu com os seus pais e foi sepultado no jardim de seu palácio”. O livro (2Rs 21,18) tem igualmente este relato. Podemos deduzir que José de Arimateia foi também enterrado no seu jardim fora das muralhas de Jerusalém devido às descrições que (Mr 27,60; Mc 15,46; Lc 23,53; Jn 19,41). fazem quando pediu o corpo de Jesus a Pilatos. “ Havia um jardim, no lugar onde era crucificado e , no jardim, um sepulcro novo, no qual ninguém ainda fora colocado”.

De uma forma geral escavações arqueológicas comprovam que os enterramentos, faziam-se, com frequência, dentro da própria urbe; os reis de Judeia tinham as suas sepulturas em Jerusalém. Não obstante, supõe-se que o mais frequente era enterrar os mortos fora da cidade como se depreende deste versículo: Jesus “ Ao se aproximar da porta da cidade, coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único de mãe viúva; e grande multidão da cidade estava com ela (Lc 7,12)”. Estes enterros eram geralmente feitos numa espécie de cemitério. Várias necrópoles foram encontradas nas escavações de Jericó. E em outros lugares, as sepulturas escavadas nas rochas ou em grutas eram relativamente frequentes e a maioria pertencia a pessoas com bastante posses como a de José de Arimateia e a gruta de Abraão que ficou

179

28.-“Este ‘leito de ferro’ (ou de basalto ferruginoso) era talvez um dos dólmenes que se podem ver na região de Amán. – Nove côvados equivalem a cerca de 4 m.”. Cit. nota R) *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. pág. 279.

29.-Os povos semitas, da mesma forma que outras etnias, consideravam os lugares elevados “más próximos de Deus” e particularmente propícios a proximidade e à presença de Deus. Ver “ Altos (lugares)” em *Dicionário da Bíblia*. André-Marie Gerard. Ed. Robert Laffont, Paris 1990. Pág. 71.

30.-Durante uma recente visita da rainha de Inglaterra a Varsóvia, entre as numerosas cerimónias protocolares que teve de realizar plantou um sobreiro sobre a sepultura do soldado desconhecido. (Periódico DEIA, Vízcaya, 25.3.96).

31.- Frazer J.G.(1981): *Folklore em o Antigo Testamento*. Op. Cit., pág. 439.

32.- Idem pág. 440.

conhecida pelo Túmulo dos Patriarcas ou pela gruta de Macpela que foi sepultura familiar durante séculos. É esta a sua história na Bíblia.

“A duração da vida de Sara foi de cento e vinte e sete anos, e ela morreu em Cariat Arbe (que é Hebron), na terra de Canaã. Abraão veio cumprir o luto por Sara e chorá-la. Depois Abraão levantou-se diante de seu morto e falou assim aos filhos de Hete: “no meio de vós sou um estrangeiro e um residente. Concedei-me uma posse funerária, entre vós, para que leve meu morto e o enterre.” Os filhos de Het deram esta resposta a Abraão: “Meu senhor, ouve-nos! Tu és um príncipe de Deus entre nós; enterra teu morto na melhor terra de nossas sepulturas; ninguém te recusará sua sepultura a fim de que possas enterrar o teu morto.” Abraão levantou-se e se inclinou diante dos homens da terra, os filhos de Het, e assim lhes falou: “se consentis que eu leve meu morto e o enterre, ouvi-me e intercedei por mim junto de Efron, filho de Seor, a fim de que ele me ceda a gruta de Macpela, que lhe pertence e que está na extremidade de seu campo. Que ele me dê por seu pleno valor, na vossa presença, como posse funerária.” Ora, Efron estava sentado entre os filhos de Het, e Efron, o heteu, respondeu a Abraão, ouvindo-o os filhos de Het e todos os que entravam pela porta da cidade: “Não meu senhor, ouve-me! Eu te dou o campo e te dou também a gruta que nele está, faço-te este dom na presença dos filhos de meu povo. Enterra teu morto.”

Abraão se inclinou diante dos homens da terra e assim falou a Efron, diante dos homens da terra: “Se concordas, ouve-me, eu te peço! Darei o preço do campo, aceita-o de mim, e lá enterrarei meu morto.” Efron respondeu a Abraão: “Meu senhor, ouve-me; uma terra de quatrocentos siclos de prata, o que é isso entre mim e ti? Enterra o morto.”³³

180 |

Segundo é indicado pelos estudos feitos em escavações, após algum tempo os ossos dos defuntos, eram juntos num sitio comum e mais tarde postos individualmente em ossários. Em Jerusalém, a sepultura das pessoas humildes (Jr 26,23) era provavelmente localizada no vale de Cedrón “Transportou do templo de Iahweh para fora de Jerusalém, para o vale de Cedrón, o poste sagrado e queimou-o no vale de Cedron; reduziu-o a cinzas e lançou suas cinzas nos sepulcros da plebe (2 Rs 23,6)”. Além dos lugares de inumação para a “plebe” existiria cemitérios para estrangeiros, porque segundo Mt 27,1-7 foi acordado comprar com o dinheiro devolvido por Judas o campo do Oleiro para enterrar os estrangeiros, Este lugar passou a ser conhecido, segundo a Bíblia, também por “Campo de sangue”: “Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado sentiu remorsos e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos, as trinta moedas de prata, dizendo: “Pequei, entregando um sangue inocente”. Mas estes responderam: “que temos nós com isso? o problema é teu”. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforcar-se. Os chefes dos sacerdotes, tomando as moedas, disseram: “Não é lícito depositá-las no tesouro do Templo, porque se trata de preço de sangue”. Assim, depois de deliberarem em conselho, compraram com elas o campo do Oleiro para sepultamento dos estrangeiros. Eis porque até hoje aquele campo se chama “Campo de Sangue”.

Monumentos funerários

Segundo alguns autores, os monumentos funerários foram pouco frequentes entre os israelitas nos tempos mais antigos. Como caso especial menciona-se que Jacob levantou

33.- Gn 23 e ss.

uma estela sobre a sepultura de Raquel: “*Raquel morreu e foi enterrada no caminho de Éfrata – que é Belém. Jacob erigiu uma estela sobre o seu túmulo; é a estela do túmulo de Raquel, que existe até hoje (Gn 35,19-20)*”. O profeta Job, faz alusão nos versículos (Jo 3,13-14), às grandes casas da morte, ou seja dos monumentos funerários dos príncipes e reis “*agora dormiria tranquilo, descansaria em paz, com os reis e os ministros da terra que construíram as suas moradias em lugares desolados*”³⁴.

O grande amontoado de pedras que foi lançado sobre a sepultura de Absalón (2Sm 18,17) não deve ser entendido como um monumento funerário já que este personagem foi assassinado. O amontoado de pedras era reconhecida como “*sepultura de um criminoso*”³⁵.. Josué ao rei de Hai: “*enforcou-o numa árvore e ali ficou até à tarde; ao por do sol, Josué ordenou que tirassem da árvore o seu cadáver. Lançaram-no, em seguida, à entrada da porta da cidade e levantaram sobre ele um grande monte de pedras que permanece até hoje (Js 8,29). Tratamento análogo foi dado aos cinco reis cananeus segundo (Js10,27ss)*”.

Estas referências correspondem a uma prática devidamente codificada para distinguir este tipo legal de morte do criminoso, e até o estrato social do defunto, em várias passagens da Bíblia faz-se alusão a esta morte por assassinato, normalmente um rei ou outra figura de destaque. O lugar onde era posteriormente depositado era coberto de pedras.

No período helénico é citado na Bíblia um monumento funerário formado por um conjunto de sete pirâmides circundadas por grandes colunas e esculturas, diz assim a descrição: “*Sobre o túmulo de seu pai e de seus irmãos construiu Simão um monumento de pedras, polidas por trás e pela frente, dando-lhe altura tal que pudesse ser bem visto. E levantou sete pirâmides, uma diante da outra, para seu pai e sua mãe e para os quatro irmãos. Adornou-as com artificios engenhosos, circundando-as de grandes colunas sobre as quais mandou colocar armaduras completas, para recordação perene. Além disso, ao lado das armaduras, mandou colocar navios esculpidos, de modo que o conjunto pudesse ser visto por todos os que navegam o mar. Tal é o mausoléu que ele fez construir em Modin, e que existe até o dia de hoje (1Mc13,25-30)*”³⁶.

Posteriormente no período romano adornava-se a antessala de certas sepulturas com frisos e colunas, realidade a que se a que se refere provavelmente o versículo de Mt 23,29 com estas palavras: “*Ai de vós, escribas fariseus, hipócritas, que edificais os túmulos dos profetas e enfeitais os sepulcros dos justos (ibidem)*”. Herodes levantou colunas nas sepulturas de David e de Salomão.

Segundo o Talmud, era habitual branquear as sepulturas na primavera nomeadamente no mês de Março, para não se incorrer na impureza ritual de se pisar. Estas eram dificilmente

34.- “Lit.: “que constroem ruínas (*harabôt*) para si”. A expressão poderia significar, à luz de Is 58,12 e 6,14 “reconstruir ruínas”; os reis da Babilônia e da Assíria muitas vezes se vangloriavam de havê-lo feito. Mas a expressão “para si” remete antes às construções funerárias de antemão levantadas em lugares desertos ou ermos. Este em, muito especialmente o caso do Egípto. É possível que a palavra “*harabôt*” tenha sido suficiente para designar, entre os hebreus, as mastabas ou las pirâmides”. Cit. nota X). *Bíblia de Jerusalém*.S. Paulo, Pág. 885.

35.- Nota L). *Bíblia de Jerusalém*.S. Paulo, pág. 346.

36.- “Os monumentos em pirâmides são característicos da arte funerária da época”. Cit. nota U). *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. Pág. 829.

reconhecidas da terra ordinária se não fossem branqueadas. No tempo do Novo Testamento, os sepulcros também eram branqueados “*Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão (Mt. 23 27)*”.

O Além e a evocação aos mortos

Apesar da lei (Lv 19,26;20,6,31,27)³⁷ condenar e proscrever o costume de invocar os mortos tal como transcrevemos de Lv 20,6: “*Aquele que recorrer aos necromantes e aos adivinhos para se prostituir com eles, voltar-me-ei contra esse homem e o exterminarei do meio do povo (Lv. 20,6)*. Como se pode deduzir tal prática era considerado abominável perante *Iahweh* (Dt 18,11), no entanto este costume era praticado com frequência em Israel como se depreende pelo profeta Isaías. “*Se vos disserem: “ide consultar os espíritos e os adivinhos cochichadores e balbuciadore, não consultarão o povo os seus deuses, e os mortos a favor dos vivos? À instrução e ao testemunho! Se eles não falarem de acordo com esta palavra, certamente não nascerá para eles a aurora*”³⁸. (Is 8,19 20)”.

Saúl desterrou os necromantes³⁹ (1Sm 28,3 9) e más tarde, Josias, (2Rs 23,14), depois de que Manasés os ter restabelecido. Este rei “*Fez passar o seu filho pelo fogo. praticou encantamentos e adivinhações, estabeleceu necromantes e adivinhos e multiplicou as acções que Iahweh considera más, provocando assim a sua ira* (2Rs 21,6)”.

Dizer que os mortos eram invocados para consultar o futuro é algo pouco provável; até porque em certas passagens da Bíblia indicam que os mortos não sabem nada deste mundo (Jb 14,21 21,21; Ecl 9,5.6.10), o facto de que Saúl invocara a Samuel não se pode alegar como um argumento em contra, (1Sm 28). Possivelmente a evocação dos mortos não tinha outro objectivo senão o de comunicar com os entes queridos uma mais ou o tentar saber da sua sorte no outro mundo, (como na epopeia babilónica de Gilgamesh; quando este invoca o seu amigo Enguidú e faz-lhe perguntas sobre o reino dos mortos)⁴⁰.

Se os Israelitas invocaram realmente os mortos para consultar o futuro, os textos citados sobre a situação de os mortos no Šeol e a proibição da invocação servem de provas suficientes para indicar que este costume se tratava de uma pratica considerada como pagã, e que não pertencia ao âmbito socio-cultural hebraico: talvez viesse de fora de Canaan ou Egipto. Por conseguinte, era abominável perante *Iahweh* e nada nos permite supor que aqueles

37.- “*Aquele que recorrer aos necromantes e aos adivinhos para se prostituir com eles, voltar-me-ei contra esse homem e o exterminarei do meio do povo*” Lv. 20,6

38.- Os vv. 19-20, que talvez estejam fora de seu contexto, são obscuros. Isaías refere as palavras de seus adversários, que reivindicam para o povo o direito de praticar a adivinhação (cf. 2,6 +) A resposta (v. 16b) talvez seja irónica, e o profeta parece concluir (v.20) constatando que tais propósitos conduzem a um impasse. mas tudo isto assenta num texto mal estabelecido. Cit. Alínea M) *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. pag. 1372

39.- Sobre as práticas de necromancia ver o artigo de Grottanelli, Cristiano. “Mensajes de los Infiernos en la Biblia hebrea: la Nigromante de En-dor”. em AAVV *Arqueología del Infierno*. Editorial AUSA, Sabadell. 1987. Pág. 161 e ss.

40.- A prática da evocação dos mortos era frequente nos tempos bíblicos e comum nos povos do Mediterrâneo: na *Odisseia de Homero*, cântico XI, Ulisses seguindo as instruções de Circea entra em contacto com o mundo de os mortos. o *poema de Gilgamesh* XII, Enkidu e os infernos relata-nos também esta prática, assim como *Aquiles nas Tragedias* (Los Persas), Onde a mulher de Xerxes faz libações para entrar em contacto com o defunto rei Darío.

que invocavam os mortos conseguissem ter êxito. É possível que na mentalidade popular se acreditasse de boa-fé que se podia entrar em comunicação com os mortos ou talvez os invocadores enganassem de propósito pessoas crédulas ⁴¹.

Veneração dos mortos

A ideia de uma existência sombria dos mortos no Šeol, tal como é descrita o Antigo Testamento, não parece ser muito propícia a fomentar um culto aos mortos. Segundo a Bíblia, o Seol é a terra do esquecimento onde reina uma densa obscuridade (Jn 10,21 38,17; Sl 88,7.3), os seus moradores não veem nunca a luz (Sl 46.20). Junto com a escuridão, o pó é igualmente uma característica desse lugar (Is 26,19; Jb 17,16 20,11; Sl 30,9; Dn 12,2). A existência de mortos no Šeol caracteriza-se pela não existência de qualquer actividade (Ecl 14,12 6). Os refaítas, no Šeol, são qualquer coisa menos seres divinos (Jb 26,5)⁴².

Descrições deste género, são a nosso entender, pouco apelativas da prática de uma ideologia que sustente o culto aos mortos, apesar de, segundo a ideia de J. G. Frazer, que este antigo culto existiu entre os hebreus, porque desde períodos muito arcaicos estes o praticavam: “ *incisões no corpo e cortava-se o cabelo em honra dos seus familiares e amigos falecidos, podemos tranquilamente inclui-los entre os numerosos povos e nações que numa época ou noutra praticaram um culto aos antepassados; um culto que, entre todas as formas de religião primitiva, teve provavelmente uma grande popularidade e exerceu uma grande influencia no género humano (...)*”⁴³.

O mitólogo Robert Graves sustenta igualmente aquela ideia, baseando-se nas histórias do Génesis. Para ele, “*Os mitos (...) indicam que a religião primitiva de Israel era uma transição entre o culto aos antepassados e o culto a um deus da guerra e da fertilidade da tribo aramea, não muito diferente do culto de Moab⁴⁴ ou Amón⁴⁵, cujo poder só podia ser eficiente no território ocupado pelo seu povo*”⁴⁶.

A nosso ver as ofertas sepulcrais podiam ser consideradas como parte desse culto aos mortos ou também um hábito que, segundo os princípios israelitas, se tinha de seguir

41.- “A necromante, à pergunta de Saül, lança os seus feitiços e sortilégios habituais e de repente da um grande grito já que está vendo um morto saindo da terra... Saül não vê o profeta Samuel, mas crê na palavra da vidente e se prosterna por terra. A vidente (...) uma mulher sem duvida muito perspicaz (...) conhece a situação política do momento, a confusão do rei, as forças superiores (...) dos filisteus, e podia prever sem duvida o final do combate. É possivelmente o narrador do facto que põe na boca da vidente as maldições de Samuel a Saül, as mesmas que já havia formulado nos capítulos precedentes do seu livro (1º de Samuel 13-13- 14 e 15,26-28)”. *A Bíblia em banda Desenhada*. Edições Salesianas - Ed. Bosquet, Lisboa, Portugal. Pág. 351.

42.- Lit.: “os rafaím” (cf. Dt. 1,28+), tanto os mortos cf. Sl 88,11), como os débeis, os impedidos. Cit. Nota B) *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. pág. 915

43.- Frazer, J.B.: *O Folclore em o Antigo Testamento*. Op. Cit. , Pág. 532.

44.- Conjunto de tribos emparentadas com os hebreus. O seu deus nacional era Camos que admitia sacrificios humanos em caso de desesperação (2Rs 3,37). Também se praticava o anátema “oferta votiva”. Camos foi objecto de culto em Israel segundo 1Rs 11,7-33; Rs. 23,13.

45.- Designação dos amonitas, uma tribo arameia estabelecida desde o s. XII a. C ao norte do Mar Morto. Seu deus era Melcon ou Moloc e Salomão construiu um santuário e rendeu-lhe culto (1Rs 11,5-7).

46.- Graves Robert. Op. Cit., pág. 243-244.

em qualquer funeral. Assim faz-se alusão à comida e à bebida que se oferecia aos mortos, um costume que em Israel não está totalmente demonstrado. Certo costume, como o de perguntar aos defuntos sobre o futuro, pretendendo que estes tivessem um conhecimento superior e sobre-humano, e determinadas práticas fúnebres, como fazer-se cortes no corpo, rapar a cabeça, que haveria que interpretar como sacrifícios do sangue. Eram as leis, o modo jurídico para estabelecer a diferença entre os valores religiosos dos hebreus e os dos povos vizinhos e a coesão social e cultural dentro da própria comunidade. Que dizer dos cabelos oferecidos aos mortos, cuja prática foi proibida pela lei em (Lv 19,28 21,5; Dt 14,1) por ser considerada pagã? Estas leis estabeleciam a diferença entre os valores religiosos dos hebreus e dos povos vizinhos e a coesão social e cultural dentro da própria comunidade.

No Antigo Testamento, há referências que também era costume rapar a cabeça por outros motivos, tal como está descrito em (Am 8,10; Mq 1,16 15 3,24; Is 22,12; Jr 7,29 16,6; Ez 7,18; é 9,3) ou fazer incisões no corpo, (IRs 18,28; Mq 4,14; Jr 41,5). Práticas que eram bem a expressão de uma emoção violenta. O matrimónio por Levirato, ao qual também é feita alusão, não tem o sentido de assegurar o culto dos mortos, mas o de assegurar a permanência dos bens dentro da tribo ou da família; assim como a impureza ritual dos cadáveres e de tudo o que está em contacto com eles (Nm 19)⁴⁷ não se funda no tabú do morto, adorado originalmente como um Deus. Pensamos que se trata antes de evitar qualquer risco ou perigo de contágio ou de impossibilitar a prática de costumes estrangeiros, tal como já fizemos referência.

No Egito, na Babilónia, e talvez também em Canaan, deixava-se aos mortos comida e bebida na sua sepultura. No Egito existia a ideia de que o Ka⁴⁸ do morto subsiste no sepulcro e necessitava desses cuidados. Na Babilónia predominava a ideia de que os espíritos dos defuntos que não tinham sido enterrados, ou cuja paz fora perturbada ou a quem os vivos não ofereciam comida e bebida suficientes, “A falta de água na sepultura era um dos males mais temíveis podia sofrer o defunto”⁴⁹. Estes saíam do reino dos mortos e caminhavam errantes pela terra, usando todos os meios para intimidar os vivos “*assustando-os sobre a forma de temíveis espectros*”⁵⁰, para obriga-los a cuidar devidamente dos seus cadáveres. Os babilónios também acreditavam que o destino do defunto no reino dos mortos dependia da provisão de comida e de bebida. No entanto não sabemos se este costume era frequente em Israel; a Bíblia não lhe faz referência.

47.- “O cap. 19 forma uma unidade: água lustral (vv. 17-22), preparada com as cinzas de uma bezerra vermelha imolada e queimada fora do acampamento (vv. 1-10), serve para limpar a impureza contraída no contágio com o morto (vv. 11-16). Este ritual, ao qual somente outro texto faz referência, (Nm 31,23 além de Hb 9,13), legítima uma antiga prática colorida de magia, assimilando-a um sacrifício de expiação pelo pecado (v.17 e comp. vv.4-5 com Lv.16,27; v. 8 com Lv. 16-28). Outros costumes análogos foram assim admitidos pela lei mosaico (Lu. 14,2-7; 16-5-10; Nm 5,17-28; Dt 21,1-9). – A novilha devia de ser avermelhada, porque no Antigo Oriente, tudo aquilo que se aproxima do vermelho tem valor profilático: esta cor evoca o sangue, princípio de vida, e protege contra a morte”. Cit. nota H). *Bíblia de Jerusalém*. Ed. Paulinas. S. Paulo., Pág. 245.

48.- O Ka ou Ba era uma espécie de força vital ou entidade espiritual que proporcionava ao homem o princípio da sua individualidade e da sua força vital: sua personalidade. o Ka configurado numa estatua tinha que alimentar-se. Giedion Sigfried, citando a obra de Reisner *Desarrollo de la tumba egipcia durante el reinado de Keops* assinala que desde os primórdios a sepultura egípcia teve uma dupla função : lugar de enterramento e lugar de oferendas, (pág. 251 o *Presente Eterno: os Comienzos da Arquitectura*. Alianza Editorial, Madrid 1981, Pág. 263.

49.- Lara Peinado, Federico, *Himnos Babilónicos*. Tecnos Madrid 1990. Estudio Preliminar XXXIII.

50.- Idem..

No Deuteronomio, quando se fala do *dízimo trienal*, menciona-se esta prática mas em termos de reprovação, por ser uma prática pagã: “*Não transgredi nem me esqueci dos teus mandamentos. Dele nada comi durante o meu luto, e, estando impuro, dele nada tirei, e dele nada ofereci a um morto (Dt 26,14)*”⁵¹. Em (Tb 14,7) esta referência provavelmente refere-se aos parentes que sobrevivem. Eclo 7,33 expressa-se em termos pouco explícitos, o mesmo pode significar a sepultura como a oração aos mortos (2 Mac 12,38-46; Eclo 30,18).

Segundo a Bíblia, em Israel parece que nunca predominou a ideia de que a sorte dos mortos no Šeol dependia do estado do cadáver, da comida e da bebida que se depositavam na sepultura, nem que os defuntos pudessem abandonar o reino dos mortos. A Bíblia não menciona estes casos e só faz referência a que, unicamente pelo poder de *Iahweh* através da Ressurreição, alguns podiam sair. Os costumes fúnebres ou de dor não tinham outra finalidade que expressar de um modo vivo e dramático as emoções internas. A Ressurreição parece ser uma ideia que surge sem história.

Voltando de novo às ideias de Frazer e Robert Graves, podíamos citar certos costumes hebraicos, como a impureza ritual e toda classe de ritos fúnebres, evidenciando o propósito da lei que ordena enterrar os condenados à morte antes do ocaso (Dt 21,22), e os grandes amontoados de pedras depositadas sobre os sepulcros (Js 7,26 8,29 2 Sm 18,17) ou o facto de cobrir com terra o sangue derramado para escapar à vingança dos espíritos dos mortos (Gn 37,26 Jb 16,18 24,12 15 26,21 Ez 24,7). Não se tomariam todas estas disposições por medo aos espíritos dos mortos? Ou será que as pedras só tinham a finalidade de impedir a saída dos mortos das suas sepulturas? Independentemente do significado que na sua origem tiveram estes costumes, a hipóteses de um culto aos antepassados parecem que se impõe.

Senão como explicar ainda a semelhança de atitudes em actos como - para os familiares - tirar os sapatos para ir ao cemitério do clã (Ez 24,17-23), que é o mesmo que quando entravam num lugar sagrado (Ex 3,5). Que dizer do facto de enterrar em lugares altos (Js 24,30) ou na proximidade de árvores? (Gn 35,8; 1Sm 31,13), quando estas características: lugares altos e árvores, são uma característica dos lugares sagrados e de culto donde as tribos celebravam as suas reuniões importantes, e que dizer também da reunião, com carácter de urgência, dos notáveis na cripta de Siquen, quando se produziu o assédio da cidade santuário (Jz 9,46).

Šeol: Descrição

Em geral, para os fenícios e os cananeos, o reino dos mortos, é definido como o Šeol. Um lugar onde reina uma densa escuridão como afirma *Jb 10,21-22*: “*antes de partir, sem nunca mais voltar, para a terra de trevas e sombra, para a terra soturna e sombria, de escuridão e desordem, onde a claridade é sombra*”. Job numa outra passagem em *Os discursos a Iahweh* reforça a ideia que já anteriormente citamos mas nestas palavras: “*Foram-te indicadas as portas da Morte, ou viste os porteiros da terra das sombras? (Jb.38,17)*”. No livro dos salmos, no canto dos filhos de

51.- O produto do dizimo, consagrado a Iahweh, deve ser subtraído de qualquer profanação: rito de luto(cf. Os9,4) ou impureza (cf.ag.2,13). A oferta ao morto pode se referir ainda a ritos de luto, ou ao culto idólatrico de um deus que morre e renasce (Baal-Adonis, cf.14,1 ss.).Cit. alínea P). *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. Pág. 310.

Coré, este canto, que seria uma espécie de oração ou prece para a doença e a aflição, volta a frisar a ideia do Šeol como um lugar de escuridão: “despedido entre os mortos, como as vítimas que jazem no sepulcro, das quais já não te lembras, porque foram separadas de tua mão. Puseste-me no fundo da cova em meio de trevas e abismos (Sl 88,6-7)”. Noutra passagem diz-se “conhecem tuas maravilhas na treva e tua justiça na terra do esquecimento?(Sl.88 13)”. Os moradores do Šeol não vêem jamais a luz como expressa os salmos: “Ele vai juntar-se à geração dos seus pais que nunca mais verá a luz (Sl 49,20)”⁵². Junto com a escuridão, o pó é também uma característica do Šeol: “Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão. Desperta e cantai, vós os que habitais o pó porque o teu orvalho será um orvalho luminoso, e a terra dará à luz sombras. (Is 26,19)”.

Esta mesma ideia encontra-se no livro de Job expressa do seguinte modo “Ora, minha esperança é habitar no Xeol e preparar minha cama nas trevas. Digo à cova: “Tu és meu pai!”; ao verma: “Tu és minha mãe minha esperança!” Pois onde, onde então, está minha esperança? Minha felicidade, quem a viu? Descerão comigo ao Xeol, baixaremos juntos ao pó? (Jb 17,16)”.

186 |

As ideias que citamos repetem-se em Jb 20,11; Sl 30,10; Dn 12,2). A existência dos mortos no Šeol caracterizava-se pela suspensão de toda e qualquer actividade: “tudo o que te vem à mão para fazer, faça-o conforme a tua capacidade, pois, no Xeol para onde vais, não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento, nem sabedoria (Ecl 9,10)”. O gozo ou o prazer também não existem no Xeol “da e recebe, faz divagar a tua alma, pois não há no Xeol quem procure algum prazer(Ecl 14,12 16)”. Os mortos ignoram aquilo que se passa na terra: “Porque os vivos sabem ao menos que irão morrer; os mortos, porém, não sabem, e nem terão recompensa, porque sua memória cairá no esquecimento. Seu amor, ódio e ciúme já pareceram, e eles nunca mais participarão de tudo o que se faz debaixo do sol (Ecl 9,5)”⁵³. Esta mesma ideia encontrar-se em Jb 14,21; 21,21.

O Šeol é a terra do esquecimento: “Conhecem tuas maravilhas na treva e tua justiça na terra do esquecimento? (Sl 88,13)”. O único que esse lugar tem é o descanso. O escravo estará livre de seu amo, por isso e às vezes a morte é preferível à vida, porque no Šeol “Ali (Šeol) acaba o tumulto dos ímpios, ali repousam os que estão esgotados. com eles descansam os prisioneiros, sem ouvir a voz do capataz. Confundem-se pequenos e grandes, e o escravo livra-se de seu amo. (Jb 3,17 19)”. Em Eclesiástico encontramos esta mesma ideia expressa da seguinte forma. “é melhor a morte do que uma vida cruel, o repouso eterno do que uma doença constante. (Ecl. 30 17)”.

Parece claro que os israelitas não imaginavam a existência no Šeol como um prolongamento ou uma continuação da vida terrena. Apesar disso, críticos, como *Stade, Beer, Charles, Bertholet, Quell*⁵⁴, pensam dessa forma, em relação a um suposto culto aos mortos que terá existido em

52.- Todo o texto do qual extraímos o versículo citado é “Construído sobre o tema de um dito irónico (vv.13 e 21), este Salmo trata, como os 37 e 73, do problema das retribuições e da felicidade aparente dos ímpios; ele resolve conforme a doutrina tradicional dos sábios. Cit. alínea b). *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. Pág.1000

53.- Segundo estas ideias “a certeza da morte torna mais discreto o convite à alegria (vv. 7-8,cf.2,24 +), o qual termina com o conselho de fidelidade ao amor de toda a vida, até a separação definitiva, a respeito da qual não se entrevê nenhuma consolação”. Cit. alínea M)). *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo, pag. 1177.

54.- Ver Dicionário da Bíblia, Herder Op. cit. pag. 1309

Israel, onde dominava a ideia de que a existência no Šeol era o prolongamento da vida na terra. No entanto, em Gn 37,35 42,38; 1Rs 2,6 9, fala-se da disposição ou do sentimento daquele que morre e não da vida no Šeol.

Exposições poéticas, como as de Is 14 ou Ez 32, não deveriam ser interpretadas de um modo literal, nem mesmo é decisiva a referencia da aparição de Samuel, evocada pela necromante de Endor (1Sm 28). ¿De que outra forma teria podido aparecer Samuel?

Nem mesmo se encontra nenhuma referência de que os israelitas tivessem atribuído um saber superior aos mortos. Em (Jr 31,15), isto é apenas uma ocorrência poética sobre Raquel; (Is 63,16) expressa a ideia de que os mortos ignoram todo o que passa na terra. Na literatura posterior podemos encontrar a ideia de que, pelo menos os justos, têm conhecimento daquilo que ocorre na terra e podem interceder pelos vivos: *“Ora este foi o espectáculo que lhe coube apreciar: Onias, que tinha sido sumo-sacerdote, homem honesto e bom, modesto no trato e de carácter manso, expressando-se convenientemente no falar, e desde a infância exercitado em todas as práticas da virtude, estava com as mãos estendidas, intercedendo por toda a comunidade judeus.⁵⁵ Apareceu a seguir, da mesma forma, um homem notável pelos cabelos brancos e pela dignidade, sendo maravilhosa e majestossissima a superioridade que o circundava. Tomando então a palavra, disse Onias: “Este é o amigo dos seus irmãos, aquele que muito ora pelo povo e por toda a cidade santa, Jeremias, o profeta de Deus⁵⁶. Estendendo, por sua vez, a mão direita, Jeremias entregou a judas uma espada de ouro, pronunciando estas palavras enquanto a entregava: “Recebe esta espada santa, presente de Deus, por meio a qual esmagarás teus adversários!” (2Mc 15,12 16)”*.

Síntese

Pela Bíblia tivemos oportunidade de observar um número considerável de práticas mortuárias, com um denominador comum e que originaram muitos costumes e superstições ainda arreigadas nos nossos costumes. Neste estudo pretendemos recordar aspectos que estão na génese da cultura ocidental que, foram adaptadas ao âmbito social de cada época mantendo-se por isso invariáveis no tempo. As descrições da morte na Bíblia converteram-se em modelo e testemunho de um rito organizador e regenerador de grupo, que sofreu poucas alterações, em particular naquilo que se refere à sua estrutura: métodos de supressão do cadáver, procissão, luto e processos de recordação com monumentos.

No que diz respeito à arte funerária, a Bíblia descreve monumentos sem entrar em descrições mas a arqueologia tem um vasto catalogo. Podemos comprovar que os lugares de enterramento estavam estratificados e que existia diferentes tipos de sepulturas. Desde a fossa comum para a gente vulgar e os ajustiçados, até lugares de enterramento no templo de Jerusalém ou muito

55.- Onias prossegue no papel de intercessor, que já havia desempenhado em vida (3,10s;4,5). Cit. alínea V) *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. Pag.872

56.- *“Jeremias, que sofreu duramente por seu povo (cf. Jr. 11,19,21; 14,15; 18,18ss;20,1,1-2;26), é seu mais indicado interceptor. Esse papel, conferido a Jeremias e a Onias, é a primeira atestação da crença numa oração dos justos falecidos a favor de os vivos. É más uma crença ligada à fé na ressurreição (cf. 6-7; Sl 16,10; 49,16)”* cit. nota X) *Bíblia de Jerusalém*. S. Paulo. Pág. 872

cerca dele, como refere o profeta Ezequiel nos versículos *Ez. 43,7-10*⁵⁷ e no *livro dos Reis* (1Rs. 2,10; 10,43)⁵⁸.

As famílias com mais posses tinham sepulturas privadas; como vimos com José de Arimateia. As sepulturas individuais eram identificadas com determinados monumentos, como estelas como a que se colocou sobre a sepultura de Raquel ou aquela que Absalón mandou fazer em vida para si. Há indicações de existirem lugares próprios para enterrar os estrangeiros, já que o dinheiro devolvido por Judas ao sinédrio foi utilizado para comprar um terreno para esse fim. Estes dados confirmam uma ampla variedade de modelos de espaços de inumação e se mantiveram pelo tempo e na actualidade se podem ver, formas do presente, nos cemitérios.⁵⁹ No contexto da arte funerária, podemos afirmar que os estilos clássicos da arquitectura surgidos na zona do Mediterrâneo: Grega, Romana ressurgem com o humanismo no século XVI e afirmaram-se no século XVIII. A estes juntou-se o ainda o estilos egípcios. E serão estes estilos que ressurgirão nos cemitérios públicos do século XIX através dos monumentos funerários nas mais variadas formas. Se estes aspectos são evidentes na arte funerária de carácter perene, o mesmo acontece na parte efémera do ritual da morte, apesar de não a salientarmos por agora⁶⁰. Nem as diferentes orientações políticas e religiosas que dividiram a zona do Mediterrâneo anularam estes costumes, salvo nas representações artísticas, em particular na zona do Islão, donde a figura humana ou a estatuária é proibida⁶¹.

Em jeito de conclusão, os ritos da morte nos tempos descritos na Bíblia, quando comparados com os actuais, testemunham, na cultura ocidental, a persistência de muitos aspectos associados ao fenómeno da morte. Assim, mais que por questões políticas, religiosas ou linguísticas, o género humano está unido pela cultura e as ideias e como afirma Nobert Elias “*ritos comuns unem os homens*”⁶² e o culto da morte na cultura ocidental e mediterrânea é o seu melhor exemplo.

188 |

57.- “ *Disse-me : Filho do homem, este é o lugar do meu trono e o lugar da planta dos meus pés, onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre e onde a casa de Israel – ela e os seus reis- não tornarão a profanar o meu nome santo com as suas prostituições e com os cadáveres dos seus reis, pondo o limiar destes junto do meu limiar e as ombreiras destes ao lado das minhas ombreiras e limitando-se a levantar um muro entre mim e eles, onde profanam o meu nome santo com as abominações que praticavam, razão porque os consumi na minha ira. Contudo, agora vão afastar para longe de mim as suas prostituições e os cadáveres dos seus reis, pelo que habitarei no meio deles para sempre*”.

58.- “*Os reis eram igualmente inumados no interior da cidade*”

59.- Um facto que a arqueologia pouco leva em consideração quando estuda necrópoles no passado.

60.- Aspectos como as cerimónias de luto e de dor, as procissões fúnebres ou inclusive a exposição do cadáver. A componente feminina do culto continua evidente, tanto para os cristãos como para os muçulmanos, ao que se une ainda a prática da inumação como sistema para suprimir o cadáver. Realidades que não foram alteradas e mantêm-se no tempo.

61.-Um preceito que está em sintonia com a proibição de ídolos como se descreve em algumas passagens do A.T.

62.-Elias, N. (1987): *La soledad de los moribundos*. Fondo de Cultura Económica, Madrid. Pág. 12.

Referencia bibliográfica

- AA.VV. (1987): *Arqueología del Infierno*. Editorial AUSA. Sabadell.
- Ariès, Ph. (1983) : *Imágenes de L'homme devant la mort*. París. Seuil.
- Bíblia em banda Desenhada*, S/D Edições Salesianas - Ed. Bosquet, Lisboa, Portugal.
- Bíblia de Jerusalén*, (1985): Edições Paulinas. S. Paulo Brasil.
- Bíblia de Jerusalén*, (1975): Alianza Editorial. Madrid.
- Browning, W.R.F. (1998): *Diccionario da Bíblia*. Paidós Barcelona.
- Cocagnac, M. (1994): *Los Símbolos Bíblicos*. Ed. Desclée de Brouwer. Bilbao.
- Concordância Bíblica*, (1975): Sociedade Bíblica do Brasil. Brasília –DF .
- Diccionario da Bíblia*, (1987): Editorial Herder. Barcelona.
- Elias, N. (1987): *La soledad de los Moribundos*. Fondo de Cultura Económica. Madrid.
- Espírito Santo, M. (1993): “Introdução”, *Revista Mediterrâneo*, nº 2. Edição Instituto. Mediterrâneo. UNL, Lisboa.
- Frazer, J.G. (1981): *O folclore no Antigo Testamento*. Fondo de Cultura Económica, Madrid.
- Gerard, A.M. (1995): *Diccionario da Bíblia*. Grupo Anaya. Madrid .
- Graves, R. (1986): *Os Mitos Hebreos*. Ed. Alianza, Madrid.
- Homero: *Iliada*.
- Lara Peinado, F. (1990): *Himnos Babilónicos*. Tecnos Madrid.
- Malinowsky, B. (1970): *Un Teoria Científica de la Cultura*. Barcelona, Edhasa.
- Morin. E. (1970): *O Homem e a Morte*. Publicações Europa-América, Portugal.
- Sigfried, G. (1981): *Presente Eterno: los Comienzos de la Arquitectura*. Alianza Editorial, Madrid.

Biografía del autor

Doutor em Belas Artes. Artista, Escultor. Como docente universitário o seu trabalho desenvolveu-se na Universidade do Beira Interior e Instituto Politécnico de Leiria. É Professor Coordenador na Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha. O seu trabalho de investigação tem sido concretizado em várias publicações, em Portugal e no Estrangeiro e em exposições de Artes Plásticas. Em 2001 defende su tesis doctoral en la Universidad del País Vasco. Y derivada de ella en 2003 publica la obra: *Estética de la muerte en Portugal*. Participa em comités organizadores e científicos, em congressos, seminários e sobre temáticas relacionadas co a arte e a morte. Organizou e dirigiu vários cursos de extensão universitária em varias universidades internacionais.

Recibido: Agosto 2014

Aceptado: Noviembre 2014